

por Luiz Montes

A hora mágica de Terence Malick

Um filme esparso, de poucos verbos, privilegiando o aspecto visual a ponto de ter sido exibido em cópias 70mm no seu lançamento em 1978. Agora, *Dias de Paraíso*, o segundo (e penúltimo) filme de Terence Malick, é lançado pela Paramount no formato DVD. Diante do risco de sofrer significativa perda no novo suporte, a edição cuidadosa apresenta um filme que ainda causa impacto pela sua beleza, e por sua narrativa elíptica, nessa transição entre *Terra de Ninguém*, onde o homem é um ser isolado e seu drama parece pouco importar, e *Além da Linha Vermelha*, onde o homem continua isolado, mas seu drama articula-se a um contexto de eventos maiúsculos e minúsculos que expressam o movimento da Natureza.

A mixagem 5.1, atualizada da versão original, dedica-se ao som ambiente das pradarias americanas, evocando uma atmosfera de introspecção, e reproduzindo com sucesso os silêncios, mudança de ênfase sonora, voz *over* e a trilha de Ennio Morricone, sem os efeitos postiços empregados nos grandes lançamentos em DVD.

E a fotografia de Nestor Almendros e Haskell Wexler está bem representada por um máster que atura boa parte do filme sem exibir grãos ou perda de qualidade. Os tons quentes e o espectro de cores das paisagens são

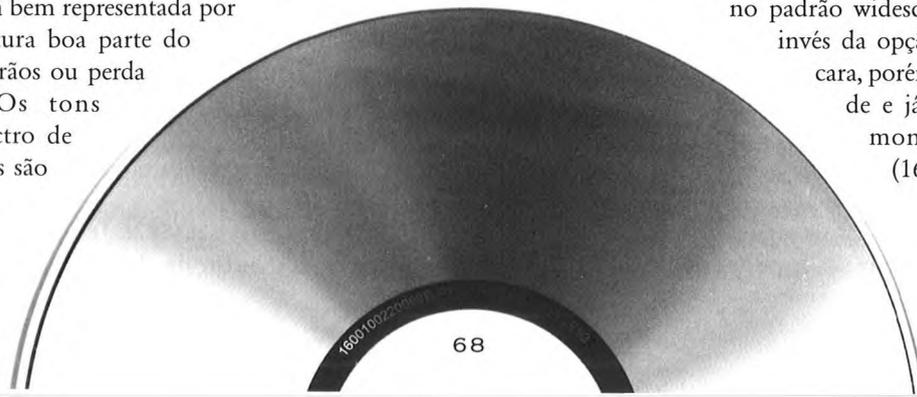
elegantemente exibidos e se o filme em si não atinge unanimidade na sua avaliação, em contrapartida, oferece uma experiência visual de fôlego, para encantar aqueles que venham a descobrir *Dias de Paraíso* na era do DVD.

Edições caprichadas de filmes brasileiros

A Versátil lançou há pouco a Edição de Colecionador de *O Primeiro Dia* e *Todas as Mulheres do Mundo*. No quesito técnico, são DVDs simples e honestos. *Todas as Mulheres do Mundo*, em especial, sofre com a qualidade original do máster, conseqüência da falta de investimentos na recuperação rigorosa do material (como são os lançamentos da Criterion Collection, por exemplo, que faz da qualidade um instrumento de preservação da memória).

Por outro lado, é nítida a disposição da distribuidora em compensar com os extras nos DVDs. E não deixa de ser louvável a iniciativa de promover os resultados do cinema brasileiro – resgatando o negligenciado filme de Domingos de Oliveira, por exemplo – com DVDs atraentes e bem-cuidados.

No caso de *O Primeiro Dia*, há de se lamentar ainda o fato do filme ter sido transferido para DVD no padrão widescreen “letterbox”, ao invés da opção anamórfica; mais cara, porém de melhor qualidade e já preparada para os monitores retangulares (16:9).



Vida inteligente no gênero policial

Dentro do gênero policial e todas suas determinantes comerciais, havia – até pelo menos o final dos anos 80 – um espaço de manobra mínimo para alguns cineastas “contrabandear” (nas palavras de Scorsese, em seu documentário sobre a história do cinema americano) uma sensibilidade e expressão ideológica peculiar a eles. *O Ano do Dragão* e *Um Tiro na Noite* são duas amostras recém-lançadas pela Fox-MGM de uma época que, comparada a produção cinematográfica atual, chega a despertar nostalgia.

Em comum, são dois filmes tensos, voltados para o imaginário masculino, dirigidos por cineastas cuja força criativa residiu nos anos 70 e que se conservaram ativos ao longo dos anos 80 e 90 em condições cada vez mais precárias.

O Ano do Dragão, de Michael Cimino, retoma o anti-herói do filme *noir*, interpretado por um Mickey Rourke de cabelos grisalhos, em momento-ápice de sua carreira. O roteiro de Oliver Stone tem resquícios dos policiais reacionários de Don Siegel, porém potencializando a neurose do personagem até suas últimas conseqüências. Polêmico à época do seu lançamento, o filme com o tempo não perdeu sua ambigüidade sobre o tratamento da questão racial.

Já *Um Tiro na Noite*, de Brian DePalma, oferece um suspense político com

final trágico, concebido no espírito de sombras do policial *noir*, quando o homem comum já não tem condições de enfrentar o poder de “interesses ocultos”, muito maiores do que ele. Uma obra em sintonia com a paranóia pós-Watergate, que ainda repercutia no inconsciente coletivo, e o caso Ted Kennedy/Chappaquidick, fazendo um auto-exame sobre o próprio processo de manipulação da imagem e do som.

Os DVDs não trazem extras significativos mas são apresentados em seu aspecto original, os dois na versão scope; um enquadramento tão distinto da versão padrão de TV – por onde a maioria dos cinéfilos conheceu *O Ano do Dragão* e *Um Tiro na Noite* –, que proporciona uma outra experiência e uma apreciação realmente nova sobre os dois filmes.

